

## POLÍTICA E VIOLÊNCIA VERBAL

Ana Lúcia Magalhães\*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar o uso de violência verbal em uma peça de discurso político, no caso o discurso do ex-presidente Lula, em São Bernardo do Campo dirigido aos seus apoiadores, proferido no dia sete de abril de 2018. A violência pode ser objetiva ou subjetiva. A primeira mais ligada ao físico, e à segunda ao verbal, que se manifesta em vários graus de sutileza. Violência e política são temas recorrentes na obra de filósofos, a começar com os antigos gregos e alcançando a atualidade. De modo geral, há duas vertentes teóricas: a de Aristóteles e Hannah Arendt, que considera o homem um ser naturalmente social, e a de Hobbes, que acha o homem naturalmente mau. Platão considera os deuses como forças moderadoras, e Hobbes entende a organização em sociedade como solução para os efeitos da maldade humana. Spinoza lembra que a política deve ter realismo psicológico. O discurso político deveria excluir a violência: ser aristotélico, por conclamar ao entendimento; hobbesiano, por visar ao bem da sociedade apesar da maldade inata nos homens; e espinozano, por ser realista. Não é o que se observa em várias ocasiões, como no discurso em análise, que evidencia algumas formas de violência. O resultado da análise mostra um discurso, que obtém plena adesão do auditório, de vitimização largamente baseada em *pathos* e que oculta certa violência objetiva (ao final) e violência subjetiva subjacente.

**Palavras-chave:** Violência. Retórica e Argumentação. Paixões

**Abstract:** The objective of this paper is to investigate the use of verbal violence in a piece of political discourse, former president of Brazil Lula's speech to his supporters in the city of Sao Bernardo do Campo on April 7, 2018. Violence can be objective or subjective. The first group is basically physical and the has a tendency to be verbal, in various degrees of subtlety. Violence and politics are recurrent themes in the work of philosophers, beginning with the ancient Greeks and still current. In general, there are two theoretical aspects: that of Aristotle and Hannah Arendt, who consider man to be a naturally social being and violence a passion that can interfere, and that of Hobbes, who finds man naturally evil. Plato considers the gods as moderating forces and Hobbes understands organization in society as a solution to the effects of human evil. Spinoza reminds us that politics must yield to psychological realism. Political discourse should exclude violence: being Aristotelian, to call to understanding; Hobbesian, for aiming at the good of society despite the innate malice in men; and Spinozan, for being realistic. It is not what is observed on several occasions, as in the discourse under analysis, which shows a few instances of violence. The analysis has shown a discourse of victimization, which obtains strong adherence by the audience, largely pathos-based and hiding certain subjective and, by the end of the speech, objective violence.

**Keywords:** Violence. Rhetoric and Argumentation. Passions

---

\* FATEC – Faculdade de Tecnologia de Cruzeiro, SP, Brasil, Coordenação de Curso, almchle@gmail.com

## Introdução

Quando se pensa o termo violência, é possível que várias imagens ligadas a sofrimento físico se formem em nossa mente: espancamento, sangue, assassinato, perseguições, guerras, estupro; afinal, etimologicamente, o termo tem origem no verbo violar, ofender com violência, transgredir, profanar. Do latim *violare*, violência, sf. qualidade de violento; do lat. *violentia*, vb. exercer violência sobre, forçar, coagir. Em outras palavras, existe uma associação imediata a um quadro de sofrimento físico, mas nem sempre a violência se associa a essa imagem tão objetiva: há uma instância discursiva que pode ser (mais ou) menos objetiva e mais (ou menos) subjetiva.

É nesse intervalo languageiro que pretendemos tratar o assunto. Assim, a questão central é verificar os elementos retóricos constitutivos da violência com o propósito de estudar as interações verbais nos episódios selecionados. Para tanto, escolhemos partes de discursos ocorridos em função do momento político brasileiro no primeiro quadrimestre de 2018.

A violência está presente no homem desde os primórdios: na bíblia e história das religiões; nas mitologias grega, romana e suméria e mesmo nos contos de fadas, constituídos de mais episódios violentos do que poderíamos ou gostaríamos de admitir. Trata-se de um tipo de violência que denominaríamos como mais objetiva, afinal é mais fácil de ser observada.

Aliás, a civilização judaico-cristã, fundada em parte nas disposições bíblicas, revela-se como movimento de submissão, desobediência e discórdia, com inúmeras manifestações de violência, como o estupro de Dinah (Gênesis, 34), genocídio das tribos presentes na Terra Prometida (Josué, 1-12), matança dos adoradores do bezerro de ouro (Êxodo, 32), assassinato de Abel por Caim (Gênesis, 4). Evidentemente estamos tratando de violência objetiva em que alguns episódios podem ser entendidos como fruto de motivação política. Mesmo o estupro de Dinah, sem evidências claras de cunho político, foi seguido pelo extermínio da tribo do estuprador, ou seja, embora não fosse, em princípio, esse o objetivo, não há certeza de que também não tenha sido.

Existe uma outra violência, quase sutil, mais difícil de ser identificada porque sequer possui, às vezes, um agente claro. Nesse caso, seria preciso examinar o que Zizek (2013, p. 17) chama de violência simbólica, que pode estar “encarnada na linguagem”, ou seja, nesse caso, é promovida pela tolerância, melhor dizendo, transigência: uma esposa maltratada pelo marido durante anos e que, apesar do sofrimento, não toma atitudes contra aquele estado de

coisas, é possível que esteja incorrendo em violência simbólica, que não está nos casos mais evidentes, conforme mostrado no parágrafo inicial, ou seja, pode nem ser percebida como tal, considerando a capacidade de os indivíduos se acomodarem às situações, por mais difíceis ou dolorosas que sejam. Ignorar uma criança quando ela expressa sentimentos ou desejos pode também ser exemplo de violência invisível. Persuadir alguém, por meio de argumentos intelectuais, de que sua crença é errada, também, pode ser violência invisível.

## **Filosofia e Política**

O ensino da Arte Política teve início com os Sofistas, na Grécia. Um pouco depois, Platão explica, em Protágoras, que enquanto o homem não deteve a arte política não esteve a salvo de seus iguais e, porque praticavam injustiças contra seus pares, homens corriam o risco de serem extintos; daí a necessidade, via elementos da Mitologia (Hermes a mando de Zeus), da implantação do respeito e da justiça para estabelecimento de princípios para instalação da ordem nas cidades. Com Protágoras, teria início a implantação de leis que garantiriam a sobrevivência humana. Platão, nessa obra, via um caráter mítico, teria sido o primeiro a formular a teoria sobre a origem das leis hoje conhecidas como contrato social. Evidentemente que não se trata de um dado histórico e sim antropológico, uma forma de explicar o início da política, assim como outros mitos: Prometeu e o fogo, o Mito da Caverna... Platão compôs a República a partir desse fundamento antropológico, também mítico, sempre com a preocupação de criar as bases de uma dimensão política fundamentada nos pares antitéticos (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1999): útil e prejudicial, bem e mal, justo e injusto.

Aristóteles afirmava que o homem é político em sua essência. Em outras palavras, partia do pressuposto de que a política teria surgido com a própria humanidade e essa doutrina afirmava-se no fato de que a Razão era política na sua essência. Enquanto Platão criou mitos para sua teoria, Aristóteles denominava, na obra Política, o homem como “animal de cidade” (Pol. I, 2, 1253 2ss) por natureza. É importante notar que tal comentário se deve à capacidade de, pelo discurso – e aí se aproxima de Platão – distinguir o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado. Dele distancia-se por não tratar de mitos.

Quanto à violência, é possível deduzir que Aristóteles a entende resultado como paixão. Se lembrarmos que o estagirita, na Ética a Nicômaco, explica que o homem deve evitar os excessos e as faltas, mas buscar a virtude, obtida por seguir o caminho do meio. E se

pensarmos que a paixão é resultado de excesso, podemos inferir que, para o filósofo, a prática da violência não seria uma virtude.

Não vamos nos aprofundar nos conceitos sobre política de Platão e Aristóteles, assim como não pretendemos fazer um percurso histórico da política, mas é importante lembrar que Cícero, em Roma, teve uma carreira política baseada na oratória, ou seja, a partir de seus discursos atacou e defendeu modelos romanos, conforme a necessidade ou conveniência. Crítico da tirania, dedicou-se à escrita e disseminou a ideia de que o homem deve agir sob a ética com base na honestidade, sabedoria, controle dos instintos, senso de justiça e caráter. Nesse aspecto, lembra Aristóteles, o primeiro a escrever um tratado sobre Ética. É de se concluir que Cícero fosse, em princípio, contra a violência.

Hegel, ao tratar de heróis épicos, os conceitua como

[...] indivíduos totais que em si mesmos realizam uma síntese brilhante dos traços dispersos e dissociados do caráter nacional, o que faz deles caracteres essencialmente livres, humanamente belos, confere a esses nobres personagens o direito de figurar num plano superior e impõe-nos o dever de unir o principal acontecimento à sua individualidade (HEGEL, 1993, p. 585).

Por outro lado, articulado a duas categorias por ele tratadas: o nacionalismo e a unidade, Hegel mostra que o herói épico possui certa disposição para a crueldade. Isso significa, no contexto deste trabalho, a capacidade desse herói agir com violência, vista não como um aspecto negativo, mas como positivo: o personagem cruel, no pensamento de Hegel, é alguém: 1) “humanamente belo” sem qualquer contradição lógica; 2) que faz parte de um “plano superior” a ser admirado como elevado; 3) que resguarda os elementos fundamentais da nação, e, sendo cruel, a nação deve também ser cruel, com orgulho desse fato. Por fim, considera que crueldade e violência devem ser incorporadas à unidade da épica e absorvidas de modo a produzir um impacto final positivo para o conjunto.

Esse conceito a partir do herói épico mostra um olhar diferente dos anteriores: de acordo com as formulações hegelianas, não haveria um problema moral na violência, mas sua legitimidade caso esteja de acordo com padrões aceitáveis. Lembremos que ele fala do herói épico, assim, esse herói é um ser condicionado pelo Destino, em outras palavras, subordinado a forças externas, sem vontade própria. Platão também tratou de seres mitológicos, mas os vê como seres morais.

Em um salto para a modernidade, Hannah Arendt parte de uma reflexão política para falar sobre Poder e violência no pensamento político (2009). Enquanto o mundo greco-

romano estava preocupado com a elaboração de uma Política em bases filosóficas ideais, ao ligá-la ao psicológico, a integrar justiça a um entendimento superior do bem verdadeiro, a autora mergulha nos problemas reais da atualidade e engendra um texto a partir das experiências políticas de 1968-1969.

A inusitada rebelião estudantil em todo o mundo e os confrontos raciais que ela ensejou nos Estados Unidos; a glorificação da violência pelos militantes de esquerda; o aumento surpreendente do progresso tecnológico no que respeita à produção dos meios de violência; o temor de uma guerra nuclear; as lições políticas oriundas da guerra do Vietnã e dos movimentos de resistência; a impotência e o desgaste das democracias sob o império das máquinas burocrática-partidárias (sic)... (HARENDT, 1994, p. 45).

É de se notar que fatos políticos do pós-guerra à atualidade continuam ligados à violência. Percebe-se que, nesse aspecto, a violência aparece tanto objetivamente, nos discursos em favor de revoluções e contrarrevoluções para alcançar a paz, como subjetivamente em discursos que se posicionam em favor do povo, porém que carregam um estímulo a ações violentas.

Normalmente os indivíduos demoram a perceber que sofrem de violência verbal, pois a marca desse tipo de violência não é visível como a física, que danifica o corpo. As feridas da alma, não vistas em um primeiro olhar, podem ser sentidas, embora possam demorar muito a serem identificadas. É possível que a realidade distorcida por meio de mensagens subjetivas tarde tanto que gerações passam sem as perceber. Quando a violência é objetiva, ou quando praticada diretamente contra a pessoa, é de mais fácil percepção, portanto, é capaz de haver uma reação com tomada de posição. Quando se trata da subjetiva, nem sempre é notada.

A partir do entendimento da violência como ação que afeta o indivíduo, é possível pensá-la como paixão, conforme conceituado por Aristóteles, Meyer e Perelman, entre outros estudiosos da Retórica.

### **Violência como Paixão**

Para Platão (2006), a alma humana é afetada por quatro paixões (pathematas): as ilusões, os corpos sensíveis, as matemáticas e as ideias. Em outras palavras, o homem passa por quatro maneiras de apreender o mundo: 1) percepção (coisas – eikasia), 2) sensibilidade (objetos naturais – pistis), 3) entendimento (elementos matemáticos – dianóia) e 4) razão (ideias – noésis). Assim, é possível entender um nível de conhecimento mais fundamental, o do mundo sensível: o das coisas (1) e dos objetos naturais (2); e um mundo, digamos,

superior, o inteligível (3), representado pelos elementos matemáticos e o racional (4) ou das ideias. Para o filósofo, todos estão fora do homem e certamente o afetam de alguma maneira.

Recordemos que o homem platônico é um ser essencialmente passional no sentido de ser afetado pelo que está fora dele. É de se observar que, considerando que os quatro modos de apreender o mundo, em Platão, são externos, tanto a violência objetiva quanto a subjetiva vêm de fora e, dessa forma, o afetam.

Aristóteles (2015), ao sistematizar a retórica, inclui a paixão, uma das três provas tratadas na sua obra: *ethos*, *pathos* e *logos*. Em linhas gerais, o *ethos* refere-se ao caráter, à imagem que o orador transmite por meio do seu discurso, à imagem que o indivíduo permite ser observada; o *pathos* está ligado ao componente emocional, passional, que o discurso desperta no auditório e o *logos* refere-se também ao orador e à sua capacidade de convencimento, ao seu conhecimento de mundo.

Meyer (2007) também associa as partes da retórica a esses três componentes: o *ethos* se apresenta ao auditório e visa captar sua atenção a respeito de uma questão, o *logos* dessa mesma questão é exposto por meio do discurso, ao mesmo tempo em que apresenta os prós e contras. Por último, age sobre o componente emocional (paixões), um apelo aos sentimentos do auditório (*pathos*).

As três provas (*ethos*, *pathos* e *logos*) estabelecidas por Aristóteles (2015) também são utilizadas por Meyer (2007), para quem o *ethos* não pode ser associado apenas ao caráter do orador, mas se trata de um domínio, um nível, uma estrutura, embora não se limite àquele que fala pessoalmente a um auditório, nem mesmo a um autor por trás de um texto (MEYER, 2007, p. 35).

A paixão é caracterizada em Meyer (2007) por “um estado de alma móvel, reversível, sempre suscetível de ser contrariado, invertido; uma representação sensível do outro” (MEYER, 2007, p. 37). Dessa forma, reflete-se na violência – sofrida ou praticada – ou estabelece com ela uma relação à imagem de nós, uma espécie de consciência social inata, que retrata nossa identidade. Se é bastante comum que a violência sofrida implique um estado de alma instável, inconstante, variável e desequilibrado, a praticada nem sempre mostra tais reações, embora possa também evidenciá-las.

Além disso, a violência como resultado de paixão pode ser considerada como algo muito pessoal. Nesse sentido, acaba por cristalizar conflitos do indivíduo consigo mesmo e com os outros. Aliás, a paixão já foi considerada uma doença da alma. Kant (2006) vinculou a paixão à loucura. Alguns atos de violência estão, assim, diretamente ligados à loucura, de quem sofre sem reagir ou de quem a pratica.

O conceito de *pathos* em Meyer (2000) passa a ser fonte das questões que respondem a interesses dos quais dão prova as paixões (no sentido retórico), as emoções ou as opiniões. Desse modo, é possível associar o *pathos* à subjetividade. Segundo esse teórico, a paixão como resposta também é um julgamento sobre o que está em questão: a pergunta se torna resposta e suscita novas perguntas. Nesse sentido, a paixão retórica se torna útil ao mobilizar o auditório em favor de uma tese porque reforça a identidade dos pontos de vista.

Sob esse ponto de vista e lembrando Platão (2006), o homem é entendido como um ser de paixão, ou seja, age e não apenas é, pois não consegue simplesmente atingir os seus meios, precisa descobrir meios para alcançar seus objetivos.

A paixão é: 1) algo que se encontra aquém do discurso; 2) a expressão da diferença que individualiza os homens (e, neste aspecto, podemos falar dela); 3) uma ameaça para a substancialidade do homem, ou seja, aquilo que nega esse poder-ser-outro, a ponto de se tornar uma necessidade, uma droga, uma ilusão, pois só a natureza possui necessidade como um impulso interno (MEYER, 2007, p. 57).

De acordo com este filósofo, “se há paixão é porque o homem não pode deixar de agir; a paixão é, conseqüentemente, a realização da práxis que avançará num sentido ou no outro, sinal do bem e do mal, portanto sempre perigosa para o homem sensato” (MEYER, 2000, p. LI). Dessa forma, a violência como resultado da liberdade pode se tornar, além de negativa, essencialmente perigosa.

A paixão, conforme visto até o momento, pode ser considerada como uma relação com o outro, uma representação interiorizada da diferença desse outro conosco. Baseia-se, então, na alteridade, na relação humana que põe em dificuldade o homem e que o contradiz a si mesmo. Nessas condições é possível pensar a violência como algo que remete às soluções opostas, aos conflitos, às diferenças entre os homens, ou seja, são o lugar da alternância, da aversão, o que representa um grande risco de o sujeito se perder de alguma forma. A violência provoca paixões, incita à cólera, à raiva.

Spinoza (2013), por outro lado, considerava que os homens não são livres quando dotados de ação e paixão. Não podem ser ativos porque forças externas os constituem. Ou seja, todos os seres que precisam de forças externas para se constituir são apaixonados, portanto, não são livres. Como as paixões são resultado de forças externas, variamos em nossos sentimentos: cólera, medo, vergonha, raiva, ou seja, somos seres oscilantes. A violência existe como resultado desses sentimentos.

Diferentemente de Aristóteles, Hobbes (1998) não considera os homens como naturalmente sociais. Argumenta contra a existência de uma tendência de os homens se

amarem ou de existir amizade desinteressada. Sustenta que todos os indivíduos são iguais, mas a principal razão para essa igualdade estaria em que, por mais fraco que seja, um homem pode se arrastar até um outro e feri-lo mortalmente.

Ainda segundo esse filósofo, homens não nascem com qualquer tendência para a sociedade; a sociedade é inteiramente uma construção da razão, fundada no medo, sob a sombra do potencial do homem para a violência. Em seu estado natural, ele é competitivo, desconfiado e egocêntrico. Então, a vida seria, como resultado, uma guerra brutal de todos contra todos. A solução de Hobbes é que tais homens façam um contrato entre si para abrir mão de suficiente liberdade em favor de um poder soberano ou de uma comunidade para garantir que possam viver em paz e segurança. A filosofia de Hobbes justifica, portanto, atitudes de violência.

Considerando que esse filósofo classificou as paixões em duas categorias: 1) as tristes, que diminuem a competência do indivíduo em afetar e ser afetado e enfraquecem sua capacidade de existir e 2) as alegres, que aumentam essa capacidade e proporcionam um ganho existencial, poderíamos classificar a violência tanto como paixões tristes, como alegres. Triste para aqueles que sofrem e são enfraquecidos em sua competência, ou seja, aqueles que se veem tolhidos por violência física ou verbal; e alegre, para aqueles que têm sua capacidade ampliada ao praticar uma violência para o bem. Exemplo de violências “do bem” são as comentadas por Hegel, quando exalta os heróis épicos. Parece considerar também uma violência positiva as revoluções para conquista de liberdade – Revolução Francesa, por exemplo. Em outras palavras, às vezes precisamos passar pela violência para conquistar estados considerados positivos.

A individualidade do homem é, então, afirmada a partir das suas paixões. Todos as possuem, mas as manifestam de forma e intensidade diferentes. São o reflexo das relações inter-humanas e revelam as reações à presença do outro, à forma como trata o outro, o que ele pensa. Por meio das paixões, o indivíduo reflete a própria imagem. É também pela paixão que se fundem as consciências, as próprias e as que o indivíduo tem do outro. Nesse intervalo, transita a violência.

### **Discurso Político e Violência**

A política, conforme comentado na primeira seção deste trabalho, não é, em princípio, violenta e nem deve disseminar a violência, seja objetiva ou subjetiva. Não é propósito dela conduzir os cidadãos às lutas, brigas, hostilidades, enfrentamentos, discórdias, rivalidades,

mas, sim, promover a felicidade humana, a formação moral dos cidadãos, levá-los a exercitar a ética, de acordo com Aristóteles; é capacitar os membros de uma sociedade para, coletivamente, alcançar objetivos humanos importantes que não podem ser obtidos individualmente. Retomando Platão, a essência da política é harmonizar os interesses conflitantes de diferentes partes de uma sociedade. Para Spinoza (1677), a política é a organização civil baseada no realismo psicológico e na lei. Esse autor tentou demonstrar que, dado o papel central das emoções nas motivações humanas, a autoridade política é um mal necessário. Considere-se que autoridade não implica violência.

Embora esses filósofos mostrem um aspecto bastante positivo do discurso político, ele tem sido caracterizado por veicular, com alguma regularidade, considerável incentivo à violência. Estamos nos referindo à violência verbal que, no entanto, pode conduzir a outros tipos.

Como ilustração, vamos tomar o discurso do ex-presidente Lula, em São Bernardo do Campo, SP, dirigido aos seus apoiadores, proferido no dia sete de abril de 2018, antes de ser conduzido à prisão:

Em 1979, esse sindicato fez uma das greves mais extraordinárias. E nós conseguimos fazer um acordo com a indústria automobilística que foi talvez o melhor. [...] os trabalhadores não aprovaram o acordo... [...] e o pessoal então passou a desrespeitar a diretoria do Sindicato. Eu ia na porta da fábrica ninguém parava. [...] Nós levamos um ano para recuperar o nosso prestígio na categoria. E eu fiquei pensando com ar de vingança: “Os trabalhadores pensam que eles podem fazer 100 dias de greve, 400 dias de greve, que eles vão até o fim. Pois eu vou testá-los em 1980”. E fizemos a maior greve da nossa história. 41 dias de greve. Com 17 dias fui preso e os trabalhadores começaram depois de alguns dias a furar greve. E eu dizia: “Eu não vou acabar com a greve. Os trabalhadores vão decidir por conta própria”. O dado concreto é que ninguém aguentou 41 dias porque na prática o companheiro tinha que pagar leite, tinha que pagar a conta de luz, tinha que pagar gás, a mulher começou a cobrar o dinheiro do pão, ele então começou a sofrer pressão e não aguentou. Mas é engraçado porque na derrota a gente ganhou muito mais sem ganhar economicamente do que quando a gente ganhou economicamente. Significa que não é dinheiro que resolve o problema de uma greve, não é 5%, não é 10%, é o que está embutido de teoria política de conhecimento político e de tese política numa greve. (grifos nossos)

O discurso tem início com autolouvor pela capacidade de conduzir grandes massas por meio do discurso. Logo nas primeiras linhas, o orador admite o sentimento de vingança, assim, suas ações iniciais não foram políticas no sentido aristotélico ou platônico, nem mesmo spinozano ou hegeliano. Ao final dessa primeira parte, mostra uma visão política ligada à greve e à manipulação das necessidades básicas do indivíduo, ou seja, pode-se dizer que

existe uma violência velada contra os indivíduos usados para manter a condição de liderança de uma pessoa (nós levamos um ano para recuperar o nosso prestígio na categoria).

Agora, nós estamos quase que na mesma situação. Eu tô sendo processado e eu tenho dito claramente: “O processo do meu apartamento, eu sou o único ser humano que sou processado por um apartamento que não é meu”. E ele sabe que o Globo mentiu quando disse que era meu. A Polícia Federal da Lava Jato quando fez o inquérito mentiu que era meu, o Ministério Público quando fez a acusação mentiu dizendo que era meu e eu pensei que o Moro ia resolver e ele mentiu dizendo que era meu e me condenou a nove anos de cadeia. É por isso que eu sou um cidadão indignado, porque eu já fiz muita coisa com meus 72 anos. Mas eu não os perdoo por ter passado para a sociedade a ideia de que eu sou um ladrão. Deram a primazia dos bandidos fazer um pixuleco pelo Brasil inteiro. Deram a primazia dos bandidos chamarem a gente de petralha. Deram a primazia de criar quase um clima de guerra negando a política nesse país. E eu digo todo dia: nenhum deles, tem coragem ou dorme com a consciência tranquila da honestidade, da inocência que eu durmo. Nenhum deles. (grifos nossos)

O autor, no trecho citado, utiliza do argumento da repetição em todo o discurso com intenção de reforçar suas atitudes a seu favor e dá início à construção de um *ethos* de injustiçado. Embora haja presença do *logos* (1979, 1980, 41 dias de greve, Polícia Federal, Ministério Público, 72 anos, Lava Jato, Globo – citação de fatos e dados reais), os dois fragmentos mostram forte apelo ao *pathos* (ideia de que é ladrão, petralha, clima de guerra, consciência tranquila, sou um cidadão indignado).

Pode-se dizer que, nesse segundo momento, que a linguagem utilizada já sinaliza um princípio de violência verbal, quando o autor admite que é um “cidadão indignado” e “não os perdoo”. Se é indignado e não perdoo, tem início a construção de um discurso de acusação àqueles que não o apoiam. Ele não se esquivava das acusações: ao contrário, utiliza-as para reforçar o *ethos* de vítima inocente.

Eu não estou acima da justiça. Se eu não acreditasse na justiça eu não tinha feito partido político. Eu tinha proposto uma revolução nesse país. Mas eu acredito na justiça, numa justiça justa, numa justiça que vota um processo baseado nos autos do processo, baseado nas informações das acusações, das defesas, na prova concreta que tem a arma do crime o que eu não posso admitir é um procurador que fez um powerpoint e foi pra televisão dizer que o PT é uma organização criminosa que nasceu para roubar o Brasil e que o Lula, por ser a figura mais importante desse partido, o Lula é o chefe, e portanto, se o Lula é o chefe, diz o procurador, “eu não preciso de provas, eu tenho convicção”. Eu quero que ele guarde a convicção deles para os comparsas deles, para os asseclas deles e não para mim. Certamente um ladrão não estaria exigindo prova. Estaria de rabo preso com a boca fechada torcendo para a imprensa não falar o nome dele. Eu tenho mais de 70 horas de Jornal Nacional me triturando. Eu tenho mais de 70 capas de revista me atacando. Eu tenho mais de milhares de páginas de jornais e matérias me

atacando. Eu tenho mais a Record me atacando. Eu tenho mais a Bandeirantes me atacando, eu tenho a rádio do interior me atacando. E o que eles não se dão conta é que quanto mais eles me atacam mais cresce a minha relação com o povo brasileiro. (grifos nossos)

O orador mantém as repetições e amplia a habilidade discursiva ao reportar que, se não acreditasse na justiça, teria proposto uma revolução ao país. O fato de utilizar tal possibilidade constitui-se, talvez, em um primeiro incentivo ao auditório. Conduz o discurso ainda com dados (*logos*) e amplia, pelo *pathos*, o *ethos* de líder: “não posso admitir [...]” e completa com um incentivo à intolerância, característico de violência verbal: “Eu quero que ele guarde a convicção deles para os comparsas deles, para os asseclas deles e não para mim”, ou seja, considera juízes e procuradores como malfeitores: asseclas (seguidores, sectários, partidários, adeptos) e comparsas (coautor, cúmplice, cupincha, aliado). Em outras palavras, se os denomina como pessoas do mal, está praticando violência verbal.

Eu não tenho medo deles. Eu até já falei que gostaria de fazer um debate com o Moro sobre a denúncia que ele fez contra mim. Eu gostaria que ele me mostrasse alguma coisa de prova. Eu já desafiei os juízes do TRF-4 que eles fossem prum debate na universidade que ele quiser, no curso que ele quiser, provar qual é o crime que eu cometi nesse país. E eu as vezes tenho a impressão e tenho a impressão porque eu sou um construtor de sonhos. Eu há muito tempo atrás sonhei que era possível governar esse país envolvendo milhões e milhões de pessoas pobres na economia, envolvendo milhões de pessoas nas universidades, criando milhões e milhões de empregos nesse país, eu sonhei, eu sonhei que era possível um metalúrgico, sem diploma universitário, cuidar mais da educação que os diplomados e concursados que governaram esse país e cuidaram da educação. Eu sonhei que era possível a gente diminuir a mortalidade infantil levando leite feijão e arroz para que as crianças pudessem comer todo dia. Eu sonhei que era possível pegar os estudantes da periferia e colocá-los nas melhores universidades desse país para que a gente não tenha juiz e procuradores só da elite, daqui a pouco vamos ter juízes e procuradores nascidos na favela de Heliópolis, nascidos em Itaquera, nascidos na periferia. Nós vamos ter muita gente dos Sem Terra, do MTST, da CUT formados.

Esse crime eu cometi.

Eu cometi esse crime que eles não querem que eu cometa mais. É por conta desse crime que já tem uns dez processos contra mim. E se for por esses crimes, de colocar pobre na universidade, negro na universidade, pobre comer carne, pobre comprar carro, pobre viajar de avião, pobre fazer sua pequena agricultura, ser microempreendedor, ter sua casa própria. Se esse é o crime que eu cometi eu quero dizer que vou continuar sendo criminoso nesse país porque vou fazer muito mais. Vou fazer muito mais.

[Povo começa a gritar “Lula, guerreiro do povo brasileiro”] (grifos nossos)

O locutor continua a construção, pelo *pathos*, do *ethos* de herói e sonhador. Reforça a condição de pessoa simples que conseguiu atingir o mais alto posto de comando do país por meio de ações como a criação de universidades, aumento de renda, diminuição da mortalidade

infantil e pobreza (*logos*). Reforça que são denominadas como crime as boas realizações de seu governo e que esse é o fundamento das acusações pelas quais será preso.

Nesse ponto, o auditório passa a manifestar clara adesão aos seus argumentos por meio da fala unânime: *Lula, guerreiro do povo brasileiro*. O termo guerreiro traz uma alusão à violência, assumida pelos que acompanhavam a fala. Dessa forma, observa-se que a violência velada teve resposta.

Companheiros e companheiras, eu em 1990, em 1986 eu fui o deputado constituinte mais votado na história do país. E nós, ficamos descobrindo, que dentro do PT havia uma desconfiança que só tinha poder no PT quem tinha mandato. [...] [começa a fazer saudações]. Então companheiros, quando eu percebi que o povo desconfiava que só tinha valor no PT quem era deputado, sabe o que eu fiz? Deixei de ser deputado. Porque eu queria provar ao PT que ia continuar sendo a figura mais importante do PT sem ter mandato porque se alguém quiser ganhar de mim no PT só tem um jeito: é trabalhar mais do que eu e gostar do povo mais do que eu, porque se não gostar não vai ganhar. Pois bem: nós agora estamos num trabalho delicado. Eu talvez viva o momento de maior indignação que um ser humano vive. Não é fácil o que sofre a minha família. Não é fácil o que sofrem meus filhos. Não é fácil o que sofreu a Marisa e eu quero dizer que a antecipação da morte da Marisa foi a safadeza e a sacanagem que a imprensa e o Ministério Público fizeram contra ela. Eu tenho certeza. Essa gente eu acho que não tem filho, não tem alma e não tem noção do que sente uma mãe ou um pai quando vê um filho massacrado, quando vê um filho sendo atacado. Eu então, companheiros, resolvi levantar a cabeça. Não pense que eu sou contra a Lava Jato não. A Lava Jato, se pegar bandido, tem que pegar bandido mesmo que roubou e prender. Todos nós queremos isso. Todos nós a vida inteira dizíamos: “Só prende pobre, não prende rico”. Todos nós dizíamos. E eu quero que continue prendendo rico. Eu quero. Agora qual é o problema? É que você não pode fazer julgamento, subordinado à imprensa. Porque no fundo, no fundo, você destrói as pessoas na sociedade, na imagem das pessoas e depois os juizes vão julgar e vão dizer “eu não posso ir contra a opinião pública tá pedindo pra caçar” (sic). Quem quiser votar com base na opinião pública largue a toga e vá ser candidato a deputado, escolha um partido político e vá ser candidato. Ora, a toga ela é o emprego vitalício. O cidadão tem que votar apenas com base nos autos do processo, aliás eu acho que ministro da Suprema Corte não deveria dar declaração de como vai votar. Nos EUA termina a votação e você não sabe em quem o cidadão votou exatamente para que ele não seja vítima de pressão. (grifos nossos)

É de se notar que o orador também se refere à violência sofrida quando cita “Não é fácil o que sofre a minha família. Não é fácil o que sofrem meus filhos. Não é fácil o que sofreu a Marisa e eu quero dizer que a antecipação da morte da Marisa foi a safadeza e a sacanagem que a imprensa e o Ministério Público fizeram contra ela.” Pode-se inferir que essa violência experimentada pelo orador tenha produzido certa indignação, mostrada em suas palavras “Essa gente eu acho que não tem filho, não tem alma e não tem noção do que sente uma mãe ou um pai quando vê um filho massacrado, quando vê um filho sendo atacado. Eu

então, companheiros, resolvi levantar a cabeça.” Além de indignação, o fato tornou exacerbadas outras paixões.

O discurso ganha um tom mais ofensivo, embora não claramente violento, e o orador passa a acusar os juízes e promotores de julgar a partir de uma opinião pública construída por meio da mídia (É que você não pode fazer julgamento, subordinado à imprensa). Aproveita para acusar a justiça de unilateral (só prende pobre, não prende rico) e de levar sua esposa à morte. Tais argumentos conduzem o auditório a um sentimento de simpatia por aquele que os profere. Aliado à afirmação de que o orador “passa pelo momento de maior indignação de sua vida”, o discurso induz, mais uma vez, a um sentimento que pode conduzir à violência, que intensifica paixões, conforme comentado anteriormente e conduz a outras.

Imagina um cara sendo acusado de suicídio e não tenha sido ele o assassino (sic). O que a família do morto quer? Que ele seja morto (sic), que ele seja condenado (sic). Então o juiz tem que ter, diferentemente de nós, a cabeça mais fria, mais responsabilidade de fazer a acusação ou de condenar. O Ministério Público é uma instituição muito forte. Por isso esses meninos que entram muito novo (sic) fazem um curso direito e depois faz três anos de concurso porque o pai pode pagar, esses meninos precisavam conhecer um pouco da vida, um pouco de política para fazer o que eles fazem na sociedade brasileira. Tem uma coisa chamada responsabilidade. E não pense que quando eu falo assim eu sou contra. Eu fui presidente e indiquei quatro procuradores e fiz discurso em todas as posses e eu dizia: “Quanto mais forte for a instituição mais responsável os seus membros tem que ser”. Você não pode condenar a pessoa pela imprensa para depois julgá-la. Vocês estão lembrados de que quando eu fui prestar depoimento lá em Curitiba, eu disse para o Moro: “Você não tem condições de me absolver porque a Globo tá exigindo que você me condene e você vai me condenar. Pois bem, eu acho que tanto o TRF-4, quanto o Moro, a Lava Jato e a Globo, eles têm um sonho de consumo. O sonho de consumo é que primeiro, o Golpe, não terminou com a Dilma. O golpe só vai concluir quando eles conseguirem convencer que o Lula não possa ser candidato a presidência da república em 2018. Não é que eu não vou ser, eles não querem que eu participe porque existe a possibilidade de cada um se eleger, eles não querem o Lula de volta porque pobre na cabeça deles não pode ter direito. Não pode comer carne de primeira. Pobre não pode andar de avião. Pobre não pode fazer universidade. Pobre nasceu, segundo a lógica deles, para comer e ter coisas de segunda categoria. (grifos nossos)

O discurso prossegue com repetição de argumentos semelhantes: reforço do *ethos* de juízes e promotores fracos (esses meninos que entram muito novo (sic) fazem um curso de direito e depois três anos de concurso) e *ethos* de sonhador daquele que profere o discurso. Não há a constituição de uma política em bases morais aristotélicas ou platônicas. Perpassa todo o texto o sentido de acusação (final do parágrafo anterior) que pode ensejar uma reação de violência.

O outro sonho de consumo deles é a fotografia do Lula preso. Ah, eu fico imaginando o tesão da Veja colocando a capa comigo preso. Eu fico imaginando o tesão da Globo colocando a minha fotografia preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos. “Eles decretaram a minha prisão. E deixa eu contar uma coisa pra vocês: eu vou atender o mandado deles. E vou atender porque eu quero fazer a transferência de responsabilidade. Eles acham que tudo que acontece neste país acontece por minha causa. Eu já fui condenado a 3 anos de cadeia porque um juiz de Manaus entendeu que eu não preciso de arma, eu tenho uma língua ferina, então precisa me calar, porque se não me calar, ele vai continuar falando frases como eu falei, t’á chegando a hora da onça beber água. (grifos nossos)

O tom acusatório resvala para o grotesco nas palavras chulas e atinge uma inflexão mais violenta. Ao contrário de acatar uma decisão judicial, o orador busca “transferir a responsabilidade” para as autoridades legais. Ele não é violento com o auditório, mas deixa transparecer revolta, que passa a ser compartilhada pelos ouvintes.

Eles já tentaram me prender por obstrução de justiça, não deu certo. Eles agora querem me pegar numa prisão preventiva, que é uma coisa mais grave, porque não tem habeas corpus. Eu não vou gastar um tostão. Mas vou lá com a seguinte crença: eles vão descobrir pela primeira vez o que eu tenho dito todo dia. Eles não sabem que o problema deste país não chama-se Lula, o problema deste país chama-se vocês, a consciência do povo, o partido dos trabalhadores, o PCdoB, o MST, o MTST, eles sabem que tem muita gente. E aquilo que a nossa pastora disse, e eu tenho dito em todo discurso, não adianta tentar de me impedir de andar por este país, porque tem milhões e milhões de boulos, de manuelas, de dilmas rousseffs neste país para andar por mim. Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las. Não adianta parar o meu sonho, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês. Não adianta achar que tudo vai parar o dia que o Lula tiver um enfarte, é bobagem, porque o meu coração baterá pelos corações de vocês, e são milhões de corações. Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser humano, sou uma ideia, uma ideia misturada com a ideia de vocês, e eu tenho certeza que companheiros como os sem-terra, o MTST, os companheiros da CUT e do movimento sindical sabem, e esta é uma prova, eu vou cumprir o mandado e vocês vão ter de se transformar, cada um de vocês, vocês não vão se chamar chiquinho, zezinho, joãozinho, albertinho... Todos vocês, daqui pra frente, vão virar Lula e vão andar por este país fazendo o que você tem que fazer, e é todo dia! Todo dia! Eles tem de saber que a morte de um combatente não para a revolução. Eles tem de saber que nós vamos fazer definitivamente uma regulação dos meios de comunicação para que o povo não seja vítima das mentiras todo santo dia. Eles têm de saber que vocês, quem sabe, são até mais inteligentes que eu, e queimar os pneus que vocês tanto queimam, fazer as passeatas, as ocupações no campo e na cidade; parecia difícil a ocupação de São Bernardo, e amanhã vocês vão receber a notícia que vocês ganharam o terreno que vocês invadiram. (grifos nossos)

Esse parágrafo mostra, em uma série crescente de argumentos, o chamamento do auditório à adesão que cita a palavra revolução e incita o público a ações claramente violentas: queima de pneus, passeatas, ocupações no campo e cidade, invasões. Aristóteles, Platão e Spinoza não conceituam a política como estímulo ou incentivo à violência. Enquanto Hannah Arendt mostra que fatos políticos do pós-guerra à atualidade continuam ligados à violência objetivamente nos discursos em favor de revoluções e contrarrevoluções para alcançar a paz, e subjetivamente em discursos que se posicionam em favor do povo, o discurso analisado carrega um estímulo a ações violentas em defesa de indivíduos e grupos. Não se trata de pensar no bem comum.

Companheiros, eu tive chance, eu estava no Uruguai, entre Livramento e Vera, e as pessoas diziam assim, ô, Lula, você finge que vai comprar um “uisquzinho”, e você vai para o Uruguai com o Pepe Mujica e vai embora e não volta mais, pede asilo político. [...] Minha idade é de enfrentá-los com olho no olho e eu vou enfrentá-los aceitando cumprir o mandado. Eu quero saber quantos dias eles vão pensar que tão me prendendo e quantos mais dias eles me deixarem lá mais lulas vão nascer neste país e mais gente vai querer brigar neste país, porque numa democracia, não tem limite, não tem hora para a gente brigar. Eu falei para os meus companheiros: se dependesse da minha vontade eu não ia, mas eu vou porque eles vão dizer a partir de amanhã que o Lula tá foragido, que o Lula tá escondido, e não! Eu não to escondido, eu vou lá na barba deles pra eles saberem que eu não tenho medo. Eles têm de saber isso. E façam o que quiserem. [...] (grifos nossos)

O discurso adquire tom enfrentatório: “quero saber quantos dias eles vão pensar que tão me prendendo” e instiga, mais uma vez, à violência: “mais gente vai querer brigar neste país”; “vou lá na barba deles para eles saberem que eu não tenho medo”. O orador clama por novo contrato social, solução hobbesiana contra o discurso dos juristas e da mídia.

Eu quero que vocês saibam que eu tenho orgulho, profundo orgulho, de ter sido o único presidente da república sem ter um diploma universitário [...] Não vão vender a Petrobras! Vamos fazer uma nova constituinte! Vamos revogar a lei do petróleo que eles tão fazendo! Não vamos deixar vender o BNDES, não vamos deixar vender a Caixa, não vamos deixar destruir o Banco do Brasil! E vamos fortalecer a agricultura familiar, que é responsável por 70% do alimento que nós comemos neste país.

E com essa crença, companheiros, de cabeça erguida, como eu to falando com vocês, que eu quero chegar lá e dizer ao delegado: estou à disposição. E a história, daqui a alguns dias, vai provar que quem cometeu crime foi o delegado que me acusou, foi o juiz que me julgou e foi o Ministério Público que foi leviano comigo. Por isso companheiros, eu não tenho lugar no meu coração pra todo mundo, mas eu quero que vocês saibam que se tem uma coisa que eu aprendi a gostar neste mundo é da minha relação com o povo. Quando eu pego na mão de um de vocês, quando eu abraço um de vocês... porque agora eu beijo homem e mulher igualzinho, não mistura mais... Quando eu beijo um de vocês, eu não to beijando com segundas intenções, eu to beijando porque quando eu era presidente, eu dizia: eu vou voltar pra

onde eu vim. E eu sei quem são meus amigos eternos e quem são os eventuais. Os de gravatinha, que iam atrás de mim, agora desapareceram. E quem está comigo são aqueles companheiros que eram meus amigos antes de eu ser presidente da república. [...] São os que tem coragem de invadir terreno pra fazer casa, são aqueles que têm coragem de fazer uma greve contra a previdência, são aqueles que ocupam no campo pra fazer uma fazenda produtiva, são aqueles que na verdade precisam do estado. Companheiros, eu vou dizer uma coisa pra vocês. Vocês vão perceber que eu vou sair desta maior, mais forte, mais verdadeiro, e inocente, porque eu quero provar que eles é que cometeram um crime, um crime político de perseguir um homem que tem 50 anos de história política, e por isso eu sou muito grato. Estou vivo e me preparando a ser candidato a presidente deste país. Nunca tive tanta vontade como tenho agora de fazer mais, melhor e provar mais uma vez que se a elite brasileira não tem competência para consertar este país, um metalúrgico de quarto ano primário vai fazer isso. (Lula deixa o palanque carregado pelos apoiadores sob forte aclamação e gritos). (grifos nossos)

O orador finaliza com reforço ao *ethos* de pobre, sem nível superior, porém íntegro. Utiliza fortemente do *pathos* para estabelecer uma relação afetiva e consolidar, intensificar de forma indireta o chamamento para que todos participem de invasões, greves e ocupações. Fortalece o *ethos* de herói, “único com competência para consertar o país”.

### **Considerações finais**

Após leitura e análise do texto do ex-presidente, percebe-se que a violência verbal não precisa ser objetiva para surtir efeito. Houve plena adesão dos ouvintes aos argumentos do orador, conforme os dois momentos já citados, além do final em que o orador é carregado sob aclamação.

É fácil identificar a violência verbal quando uma mulher sofre acusações infundadas do marido, que imputa a ela a condição de má esposa, de burra, idiota, infiel e outras ofensas mais pesadas. O mesmo ocorre com filhos, subordinados, ou qualquer indivíduo que ocupe posição percebida como inferior e sejam maltratados. Esse homem é hobbesiano, ou seja, nasceu para ferir, seja física ou espiritualmente.

É mais difícil localizar a violência discursiva se subjetiva. Quando se observa um discurso proferido por orador que se vitimize, torna-se ainda mais obscuro, às vezes, imperceptível. No caso analisado, a vitimização ocorre ao longo do texto e é construída por utilização competente de *pathos* e *logos*. Existe um domínio de fala, um controle da argumentação e o orador consegue a adesão do auditório. É possível que a violência verbal, nesse caso, se deva a motivos, justificativas plausíveis, razões, alegações perfeitamente

fundamentadas. Assim, todo o discurso passa a refletir o sacrifício do orador e transforma qualquer possibilidade de violência verbal ali veiculadas em manifestação de martírio:

Não adianta parar o meu sonho, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelos sonhos de vocês. Não adianta achar que tudo vai parar o dia que o Lula tiver um enfarte, é bobagem, porque o meu coração baterá pelos corações de vocês, e são milhões de corações. Não adianta eles acharem que vão fazer com que eu pare, eu não pararei porque eu não sou um ser humano, sou uma ideia.

Mesmo o tom desafiante com que o orador se refere aos magistrados (Quem quiser votar com base na opinião pública largue a toga e vá ser candidato a deputado, escolha um partido político e vá ser candidato) e os momentos em que incita o auditório (queimar os pneus que vocês tanto queimam, fazer as passeatas, as ocupações no campo e na cidade) são transformados de violência subjetiva em reação da vítima ante seus algozes. Ao final, ele é transfigurado em herói (Lula, guerreiro, do povo brasileiro!), e sai do palco carregado pelos apoiadores.

Acreditamos, dessa forma, ter respondido à questão central: verificar os elementos retóricos constitutivos da violência (paixões) que deram origem a interações verbais no episódio selecionado.

## Referências

ARISTÓTELES **Ética a Nicômaco**. Tradução de Antonio Caeiro. São Paulo: Nova Cultural/Atlas 1979.

\_\_\_\_\_. **Sobre a violência**. Trad. e ensaio crítico de A. Duarte, Prefácio de C. Lafer. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

DUARTE, André. **Poder e violência no pensamento político de Hannah Arendt: uma reconsideração**. In: Arendt, H. Sobre a violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HOBBS, Thomas. **On the citizen**. Tradução do original em Latim de Richard Tuck e Michael Silverthorne. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 (Data da publicação original: 1651)

GGN – O Jornal de todos os Brasis. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/noticia/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Tradução Francisco Cock Fontanella. 5. ed. Piracicaba: Unimep, 2006.

MEYER, Michel. **A retórica**. Revisão técnica de Lineide Salvador Mosca; tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVI-L1.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PLATÃO. **A república**. Tradução de J. Ginsburg. 2. v. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2006.

SPINOZA, Baruch. [1677] **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Data da publicação original: 1677)

Artigo recebido em: 14/05/2018.

Artigo aceito em: 03/08/2018.

Artigo publicado em: 17/09/2018.